

O ciberjornal como instrumento de ensino: da teoria à prática

Fernando Zamith, Pedro Leal,
Sérgio Nunes, Bruno Giesteira, Helena Lima,
Sandra Sá Couto, Manuel Neto da Silva,
Emília Costa e Cristina Fonseca *

Índice

1	Introdução	3
2	Plataforma de gestão de conteúdos	4
3	Opções de design de interacção	8
4	Organização da Redacção, Recursos Humanos e Materiais	12
5	Estruturas e técnicas redactoriais	14
6	Espaço Rádio	16
7	Espaço Televisão	20
8	Dados estatísticos	22
9	Conclusão e breve avaliação	23
10	Bibliografia	25

*Licenciatura em Jornalismo e Ciências da Comunicação da Universidade do Porto, Portugal

Resumo

Nesta comunicação, pretende-se apresentar o trabalho interdisciplinar que resultou na criação, em Março de 2004, do ciberjornal *JornalismoPortoNet* (JPN).

O objectivo imediato do JPN foi proporcionar um estágio académico interno a 15 dos alunos finalistas do curso, simulando o trabalho de uma redacção.

Aproveitando as sinergias e os recursos humanos do curso, foi desenvolvida uma plataforma de edição e publicação de material noticioso, envolvendo docentes das áreas de Design, Informática e Jornalismo.

No trabalho desenvolvido, procurou-se tirar o máximo partido das potencialidades que a Internet oferece, apostando em estruturas de construção de notícias adequadas a este novo meio (abertas, arbóreas, multi-lineares e de ligações paralelas), através de textos hiperligados entre si.

Os objectivos propostos nesta fase-piloto do JPN, que se prolongou até ao início de Junho, foram globalmente atingidos. Apesar de não ter sido feita grande divulgação, a visibilidade do JPN foi muito boa, atingindo cerca de 20 mil visitas nos dois meses e meio de trabalho intensivo. Ao todo, foram elaboradas e difundidas mais de 900 notícias e dezenas de reportagens de rádio e televisão.

Estes resultados levam os autores a concluir que o ciberjornal é um instrumento óptimo de ensino do Jornalismo, dados os baixos custos de produção e distribuição e as potencialidades da Internet enquanto meio em que convergem todos os outros.

Palavras-chave: ciberjornalismo, jornalismo on-line, JPN, *JornalismoPortoNet*, jornalismo digital.

1 Introdução

O JornalismoPortoNet¹ é um portal na Internet de práticas jornalísticas criado pela Licenciatura em Jornalismo e Ciências da Comunicação da Universidade do Porto (UP) em Março de 2004. Este projecto, inovador em Portugal na aplicação das mais avançadas técnicas de produção ciberjornalística, resultou do trabalho articulado do corpo docente da licenciatura, designadamente das áreas de Jornalismo, Informática e Design.

Na primeira fase, que se prolongou até Junho, o JornalismoPortoNet (JPN), nome herdado do primeiro *weblog*² criado na licenciatura, funcionou como local de estágio interno de parte dos estudantes finalistas do curso. Em cerca de dois meses e meio, foram produzidas e difundidas mais de 900 notícias e dezenas de reportagens de rádio e televisão, repartidas pelas várias áreas/categorias temáticas escolhidas (UP, Cidade, Região, País, Europa, Mundo, Sociedade, Política, Economia, Cultura, Educação, Ciência e Tecnologia, Desporto e Media).

Apesar de não ter sido feita grande divulgação, o JPN registou naquele período cerca de 20 mil visitas, ultrapassando frequentemente as 300 visitas diárias.

Durante as férias lectivas, o JPN não teve actualizações, mas continuou (e continua) a ser muito visitado (mais de 100 visitas diárias), devido à qualidade do seu noticiário e à mudança diária da primeira página, através da rotação automática dos melhores trabalhos jornalísticos intemporais.

Juntando textos ciberjornalísticos a espaços autónomos de jornalismo radiofónico e televisivo, o JPN funcionou como um verdadeiro portal de jornalismo, sem nunca renegar a sua condição de laboratório universitário.

Apesar das preferências de cada um, toda a equipa experimentou as várias áreas jornalísticas, trabalhando por vezes como

¹<http://jpn.icicom.up.pt>

²<http://blog.icicom.up.pt>

jornalistas multimédia, ou *backpack journalists*, como lhes chama Jane Stevens (Gradim, 2002, 7).

2 Plataforma de gestão de conteúdos

Quando no início de 2003, começou a ser planeado o desenvolvimento de um *ciberjornal*, as opções tecnológicas foram um dos factores que contribuíram para o enquadramento do projecto. Partindo das ideias iniciais e considerando as restrições existentes ao nível de recursos disponíveis, foi sistematizado um conjunto de requisitos.

Assim, estabeleceram-se os seguintes requisitos genéricos:

- Permitir a existência de diferentes utilizadores, com diferentes capacidades (escrita, edição, aprovação).
- Permitir controlar o estado dos conteúdos (aprovado para publicação, não aprovado).
- Permitir a definição de diferentes tipos de peças jornalísticas. Por exemplo: notícias, artigos de opinião, peças multimédia, dossiers.
- Permitir a integração de vários tipos de conteúdo: texto, imagem, áudio e vídeo.
- Ter uma curva de aprendizagem inicial baixa, tendo em vista a rápida adopção por parte dos produtores de conteúdos.
- Ter uma elevada flexibilidade, tendo em vista uma fácil evolução para configurações alternativas.

Outros factores preponderantes foram os custos de aquisição, instalação e manutenção a médio prazo. A facilidade de manutenção em particular, foi considerada fundamental para o sucesso do projecto a longo prazo.

Alternativas

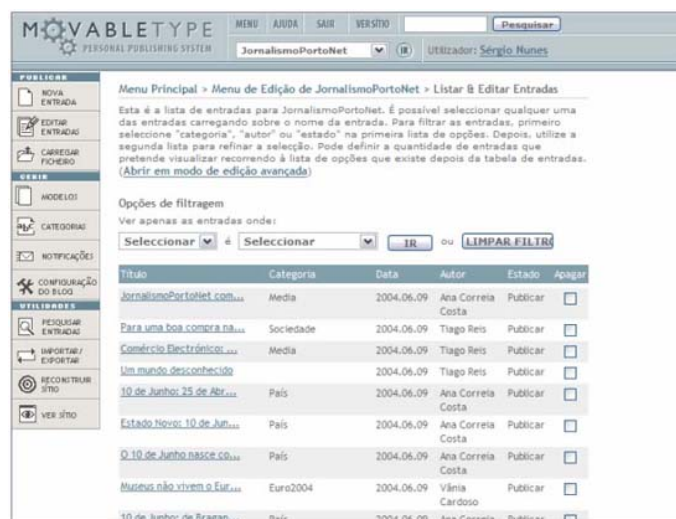
O sistema de gestão de conteúdos Bricolage³ foi a primeira alternativa considerada para o desenvolvimento do *ciberjornal*. Por um lado, este sistema já fora instalado e testado por alguns docentes do curso com resultados promissores. Por outro, cumpria todos os requisitos funcionais estabelecidos à partida.

Este sistema foi originalmente desenhado para a gestão de sítios Web noticiosos e apresenta algumas características interessantes. No entanto, depois de algum esforço inicial, verificou-se que a fase de configuração e adaptação do sistema apresentava uma dificuldade superior à esperada. Propostas comerciais recebidas para a adjudicação desta fase apresentavam valores que ultrapassavam o orçamento disponível.

Quando se tornou evidente a necessidade de adopção de uma estratégia alternativa, a opção recaiu sobre o sistema MovableType⁴. Esta plataforma já era utilizada em produção no suporte dos *weblogs* disponibilizados aos alunos. Assim, apesar de ser mais limitada ao nível das funcionalidades, havia um conhecimento mais profundo relativamente a esta ferramenta. Desta forma, foi possível ultrapassar, num curto espaço de tempo, as dificuldades que à partida se colocavam.

³Bricolage – Content Management System. <http://www.bricolage.cc/> [2004-11-02]

⁴Movable Type Publishing Platform. <http://www.movabletype.org/> [2004-11-02]



Ecrã do sistema MovableType

Metodologia e desenvolvimento

Durante o desenvolvimento do *ciberjornal*, foi adoptada uma estratégia de implementação faseada. As funcionalidades foram definidas e calendarizadas e o trabalho em cada nova tarefa só foi iniciado depois da conclusão e teste da precedente. Esta opção permitiu um maior controlo dos resultados de cada intervenção e consequentemente uma avaliação mais precisa dos resultados, positivos ou negativos, de cada opção.

O trabalho foi estruturado nas seguintes fases: esqueleto base, arquivo de notícias, mecanismo de pesquisa, comentários às notícias, lista de notícias relacionadas e integração com áudio e vídeo.

Durante a implementação, foram tomadas diversas opções. Na lista seguinte, destacam-se algumas destas opções, que podem ser consideradas como um conjunto de *boas práticas* no desenvolvimento de um sítio Web noticioso:

- Separar, de forma clara, a estrutura (HTML) da apresentação (CSS) das páginas Web. Esta opção permite uma

melhor organização do trabalho em ambientes multidisciplinares. Oferece vantagens em termos de velocidade no carregamento das páginas, facilidade na introdução de alterações, entre outras⁵.

- Incluir palavras-chave nos URL. A maioria dos motores de busca, em particular o Google⁶, atribuem uma importância maior às páginas que incluem no URL uma das palavras procuradas. Por exemplo, em vez de endereços com a estrutura <http://www.sitio.pt/artigo?332>, usar endereços do tipo http://www.sitio.pt/eleicoes_europeias.html.
- Criar documentos com uma boa estrutura HTML. A estrutura do HTML é muito relevante na indexação das páginas pelos motores de busca. A estrutura semântica de um documento HTML ajuda os motores de busca a “perceber” o documento. Por exemplo, o Google distingue entre o valor de uma palavra-chave dentro de um cabeçalho (H1) ou dentro de um parágrafo (P), dando maior relevância à primeira.
- Associar um URL único a cada peça. Esta opção, permite criar um ponto de entrada directo para cada recurso (texto, áudio ou vídeo). Desta forma, é possível uma melhor categorização das páginas em função das palavras-chave pesquisadas. Por outro lado, a disponibilização destes pontos de entrada, estimula a criação de ligações semanticamente mais ricas do que as ligações genéricas para a página de entrada do sítio Web.
- Uso de tecnologias do tipo RSS⁷. Estas tecnologias, que permitem aos leitores subscrever avisos relativos a alterações no conteúdo do sítio, são utilizadas por um número

⁵Owen Briggs, et al. *Cascading Style Sheets – Separating Content from Presentation*. Glasshaus, 2002.

⁶Google. <http://www.google.com/> [2004-11-04]

⁷BBC News. *The really simple future of the web*. <http://news.bbc.co.uk/1/hi/magazine/3503509.stm> [2004-11-04]

cada vez maior de pessoas. No caso do JornalismoPortoNet, o recurso a tecnologias deste tipo permitiu fidelizar utilizadores que normalmente não visitariam o sítio com tanta regularidade.

Perspectivas Futuras

Depois da primeira versão do *ciberjornal*, e com base na experiência adquirida, é possível identificar áreas a desenvolver em próximas intervenções. Assim, tendo em vista uma melhoria da plataforma de gestão de conteúdos, destacam-se alguns desafios:

- Melhor suporte à integração de áudio e vídeo no portal. Em particular, instalação de mecanismos de *streaming* – entrega progressiva de conteúdos.
- Melhor suporte ao controlo de fluxos de trabalho (*workflow*). Permitir, em particular: vários níveis de aprovações, uso de anotações anexadas às peças, desenvolver os conceitos de “secretária electrónica” e “redacção virtual”.
- Melhorar controlo de visitas. Permitir, em particular, saber caminhos de navegação mais populares, temas mais visualizados, pontos de entrada e saída do portal. Permite, por outro lado, desenvolver interfaces que facilitem a consulta destes dados por parte dos produtores de conteúdos.

3 Opções de design de interacção

O programa para o design de interacção do portal JornalismoPortoNet implicou levar em linha de conta os principais objectivos do site e os interesses e aptidões do público-alvo para, primeiramente, definir os respectivos conteúdos e funções do mesmo.

Desta forma, a equipa do JPN propôs-se desenvolver um *website* que disponibilizasse notícias, em permanente actualização, de carácter geral e específico, com algumas ligações externas. Estes

objectivos ajudariam a definir e a agrupar os principais conteúdos e requisitos funcionais, respectivamente:

– de âmbito geral: Europa; Mundo; Sociedade; Política; Economia; Cultura; etc.

– de âmbito específico: Directório de Jornais; Livros para Media; Primeiras páginas; Opinião Imprensa

– e alguns links externos – Weblog; Fórum; Voto Online.

A lista dos conteúdos e requisitos funcionais indicavam-nos poucos conteúdos estáticos – apenas as informações relativas às páginas Editorial; Equipa; Contacto - um grande número de conteúdos dinâmicos – todas as páginas actualizadas regularmente – e um razoável número de conteúdos funcionais – todas as páginas com inserção de vídeo e som que careciam de programas específicos como o “QuickTime Player”.

Relativamente aos interesses e aptidões do público-alvo, foram consideradas duas tipologias de utilizador:

- O utilizador sem um objectivo definido, que procura ocupar o tempo visualizado com informação de interesse para si, reforça a necessidade de um grafismo e conteúdo cativante que, pelo facto de ter uma tarefa indefinida, nos levou a ter um cuidado acrescido com a página principal e a estruturar de forma concisa a informação que pode encontrar.
- O utilizador que procura informação de uma forma rápida e eficaz, impaciente com longos tempos de carregamento das páginas e gráficos, que aceita longos menus de texto, com múltiplas opções e mecanismos de pesquisa.

Estas informações relativas aos objectivos e tipologia de utilizador, tendo como referência sites como o da BBC, delinearam a melhor estratégia para projectar o design de interface de modo a enviar ao utilizador mensagens claras sobre a sua acção, e a respectiva resposta do sistema.

Algumas heurísticas e princípios de design foram considerados para uma boa visibilidade do sistema e das várias funções;

feedback através dos diferentes estados entre o “*mouse out*” e “*mouse over*” dos botões; mapeamento através da alteração da cor da barra de navegação superior; consistência interna pelo recurso a uma estrutura de navegabilidade coerente ao longo das várias páginas; *affordances* das barras de navegação, permitindo ao utilizador perceber como usá-las.

O design da interface do JPN desenvolveu-se na licenciatura em Jornalismo e Ciências da Comunicação, inserido numa estratégia de comunicação visual global. Deste modo, optou-se pelo desenvolvimento de uma interface que se manifestasse como uma entidade coerente. Em termos de comunicação, isto traduziu-se na exigência de um elevado grau de unidade com as restantes mensagens gráficas da instituição.

Para tal, foram utilizados elementos gráficos já aplicados a outros suportes, entre os quais a cor, alguns símbolos e a referência à forma quadrangular.

A estrutura apresenta dois níveis principais: o primeiro, o da organização dos signos simples, dos símbolos e da gama cromática, que constituem um todo indissociável e significativo, de modo a operar em diferentes registos da percepção e da memória; o segundo, o nível dos elementos complementares, de que se destacam o conceito gráfico, os formatos, a tipografia, a imagem, os menus de navegação, os modelos de interactividade, que são os suportes estáveis da visualização da mensagem no ecrã.

À cor principal - o lilás, entendido como a cor institucional - foi associada a sua cor complementar, o laranja. Foram ainda utilizadas cores a um nível secundário. Estas cores desempenham um papel sinalético do espaço. Possuem também uma função prática, ao identificarem, com cores distintas, as diversas secções do portal.

Importa ainda referir que a componente cromática não se resumiu à sua aplicação aos mais destacados elementos gráficos, mas a todo um conjunto de situações onde a sua presença é determinante para o processo de identificação e de descodificação da mensagem visual.

A componente imagem do portal partiu do princípio que a nossa cultura e sistemas de informação continuam a depender de imagens fotográficas para confirmar a realidade. A fotografia reconstrói o mundo à sua medida, logo no enquadramento, no limite que impede o seu vazamento para os objectos circundantes.

Cada fotografia é uma polissémica intenção de milhentas histórias. As imagens presentes no JPN são imagens mediáticas entre tantas outras numa sociedade confluyente de *mass-media*, que pressupõem uma tomada de consciência dos processos que constituem os mecanismos de comunicação em permanente dinâmica e mutação, partindo sempre da relação íntima criada entre o espectador e a imagem em que ele pousa os olhos.

Deste modo, o uso da imagem no portal pretendeu estimular junto dos alunos, futuros profissionais da comunicação, um uso socialmente responsável da imagem e assinalar que uma das principais obrigações das imagens *online* é criar referências que não sejam as televisivas, que dominam a iconosfera e determinam modelos de comunicação visual em todo o mundo.

Defendeu-se a atitude crítica perante estas imagens de natureza digital que alugam o ecrã por um tempo breve e cuja percepção difere de todas as outras essencialmente pelo seu carácter efémero, em permanente mudança, graças à velocidade com que as imagens podem ser produzidas e afixadas na *web*. Produzir imagens para o portal implica ter em consideração que a imagem é mais uma das muitas mensagens e estímulos sensoriais que o espectador recebe *online*; compreender que a mensagem traduzida pela imagem deve ser clara e de fácil descodificação sem renunciar o lado estético e emocional.

Pela sua natureza icónica, é ela quem primeiro resgata o olhar do espectador-leitor. A imagem é a face da notícia, mas é também ela própria um documento a *ler*.

A interface do JPN baseou-se numa estrutura que não teve apenas por objectivo o desenho, grafismos, ou a combinação de cores. Pretendeu, antes, a elaboração de uma estrutura visual que suportasse a diversidade das mensagens emitidas. Não se tratou,

pois, da construção uma grelha modular de design, mas sim da aplicação de um conceito de visualidade global.

4 Organização da Redacção, Recursos Humanos e Materiais

Os critérios organizativos tiveram como principal característica a simplicidade. O curso de Jornalismo e Ciências da Comunicação terminou em 2003/2004 a sua primeira licenciatura, encontrando-se ainda em fase de instalação e avaliação. Em consequência, seria mais pertinente falar em falta de recursos do que da sua organização.

Contudo, “a necessidade aguça o engenho” e com a boa vontade de professores, dos técnicos e o particular empenho dos estudantes foi possível montar um esquema de trabalho que superou todas as expectativas. Quando o Curso não tinha capacidade de resposta em termos de recursos materiais, a equipa da redacção procurava soluções improvisadas que de alguma forma demonstram o empenhamento do grupo.

Assim, um dos professores organizava conjuntamente com a redacção a agenda, pela manhã. As reportagens do dia e para o resto da semana eram marcadas, bem como as *dead-lines*. A equipa de alunos elegia um chefe de redacção em sistema de rotação mensal, bem como um responsável pelo secretariado. Gradualmente, os estudantes foram desenvolvendo as rotinas de uma redacção e adaptando-se ao ritmo de trabalho desejado. Rapidamente foram visíveis os esforços de gestão do chefe de redacção e a capacidade de disciplina e resolução de problemas, como encontrar contactos de fontes, o cumprimento das *dead-lines*, cobertura de serviços que não estavam agendados, etc..

Um dos desafios do grupo foi justamente cobrir temas para o jornal *online*, a rádio e o vídeo, o que na maior parte das vezes não se fez de uma forma articulada, o que dificultou a vida aos alunos.

Outro dos aspectos a realçar é o facto de, apesar de o horário

da redacção ser matinal, o trabalho acabava por se estender até ao final tarde, para vários estudantes e particularmente para o chefe de redacção, que levava muito a sério o apoio aos colegas que ainda estavam a concluir as suas peças.

Esta estrutura era apoiada pelos professores. Além da agenda, os docentes procuravam acompanhar os trabalhos e as dificuldades dos alunos, quer presencialmente quer pela *net*. As peças eram sempre vistas antes de editadas. Além da correcção das notícias de *online*, os docentes das áreas de rádio e tv tinham também um acompanhamento crítico destas notícias.

A redacção contava ainda com o apoio de dois técnicos de audiovisual que faziam a captação de imagem, edição e pós-produção, bem como outro elemento que assegurava a gestão informática do portal, publicação, edição de imagem digital, etc.. Este último encontrava-se em dedicação exclusiva ao portal, mas no primeiro caso não era assim. Os técnicos dão apoio a todo o Curso, o que trazia muitas limitações às reportagens de vídeo.

Por último, resta referir a organização dos recursos materiais, tarefa fácil porque eram escassos. Para o funcionamento do portal, foi disponibilizada uma sala com cerca de vinte computadores, um telefone e 4 televisores (que, devido a questões burocráticas, nunca tiveram ligação de cabo) e os principais jornais diários. Além deste espaço, os alunos podiam ainda usar o estúdio de rádio, gravadores, bem como 3 câmaras de filmar digitais (desde que com os técnicos) e os vários sistemas de edição (*idem*).

Quando saíam em reportagem, normalmente os alunos deslocavam-se em transporte público, a pé ou nos seus próprios carros. Pontualmente, o Curso pagava deslocações em táxi, mas era raro.

Para concluir, é importante reiterar que com esta organização, apesar de parca em recursos materiais, foi possível criar uma estrutura que assegurou a manutenção do portal durante 3 meses, trabalhando os alunos de terça a sexta-feira, estabelecendo rotinas de redacção, com resposta do público, cumprindo, portanto, os objectivos que tinham sido propostos.

5 Estruturas e técnicas redactoriais

Sendo o JornalismoPortoNet um ciberjornal criado em meio académico, a nossa principal preocupação foi pôr em prática técnicas redactoriais adequadas a este meio, seguindo a mais recente literatura sobre a matéria. Para tal, beneficiámos do facto de os alunos terem tido uma formação sólida em Ciberjornalismo, área em que a Universidade do Porto se destaca em Portugal, pelo estatuto que lhe deu no plano curricular, equiparando-a às áreas tradicionais do Jornalismo (Imprensa, Rádio e Televisão). Desde o primeiro ano do curso que os alunos tomam contacto com o Jornalismo *Online* e o Ciberjornalismo, aperfeiçoando aptidões no segundo e terceiro anos, o que lhes permite chegar ao último ano com um bom domínio quer de ferramentas quer de técnicas ciberjornalísticas.

Cerca de metade dos alunos que integraram a primeira redacção do JPN tinha já participado nas experiências de blog-jornais do curso (Zamith, 2003), o que facilitou o seu trabalho no ciberjornal, dado o sistema de gestão de conteúdos ser o mesmo.

Textos curtos, *leads* com um máximo de 25 palavras, subtítulos frequentes, ligações hipertextuais internas e externas, e utilização regular de imagens (sobretudo fotografias) foram as regras básicas introduzidas, e que os alunos respeitaram, dando coerência ao ciberjornal e permitindo uma habituação do leitor, quer à narrativa utilizada quer à navegação oferecida.

Por mais estranho que possa parecer, o hipertexto, “uma das mais poderosas ferramentas de publicação na Internet” (Outing, 2004), quase não é utilizado no ainda muito pobre ciberjornalismo português. É-o em *sites* comerciais e na maioria dos *weblogs*, mas não nos ciberjornais, nem mesmo naqueles títulos criados exclusivamente para a Internet. Ao introduzir o hipertexto como regra de escrita, o JPN acabou por marcar a diferença e, simultaneamente, criar nos seus visitantes hábitos de leitura multi-linear, aquela que mais sentido faz neste novo meio.

O JPN inovou também na utilização de uma técnica redacto-

rial adequada à Internet, a técnica dos blocos de texto hiperligados entre si a que Canavilhas (2001, 2) se refere, embora sem o “radicalismo” da abolição pura e simples da pirâmide invertida. A técnica dos blocos, já há décadas utilizada por alguns jornais de papel (Crato, 1983, 135), foi por nós adaptada a várias pequenas notícias autónomas, cada uma com a sua pequena pirâmide invertida, mas todas elas hiperligadas entre si, dando ao leitor o privilégio de escolher o percurso que entender (a pirâmide invertida passa a ser construída pelo leitor, através da sequência de navegação entre as diversas peças jornalísticas).

Para facilitar a compreensão da estrutura multi-linear utilizada, foram oferecidos aos leitores em simultâneo dois tipos de navegação: a inserção de *links* internos no meio do texto e a tradicional coluna de “Notícias relacionadas”.

Na prática, as estruturas narrativas mais utilizadas para decompor as peças jornalísticas de maior dimensão (nomeadamente reportagens, grandes entrevistas, *features* e dossiers temáticos) foram as estruturas multi-lineares de entrada e saída múltiplas e de ligações paralelas a que se referem Noci e Aliaga (2003, 127-128) no seu *Manual de Radacción Ciberperiodística*. Também foram utilizadas estruturas arbóreas, sempre que foi justificada a prevalência de uma peça principal sobre outras secundárias.

Nos casos de notícias curtas, nomeadamente as de grande actualidade, foi utilizada uma estrutura simples, em pirâmide invertida, com hiperligações a arquivo interno ou a fontes externas sempre que existissem ou se justificasse. Esta prática teve como principal objectivo explorar ao máximo as potencialidades do novo meio enquanto local de inesgotável armazenagem de conteúdos e repleto de sítios confirmadores de informação.

Independentemente do género jornalístico, todas as peças escritas não poderiam ter um *lead* ou entrada com mais de 25 palavras. Este limite foi incorporado na programação da plataforma, pelo que qualquer distração do redactor ou do editor teria como consequência a publicação de um texto cortado. Nos primeiros dias, aconteceram algumas situações destas, mas rapidamente to-

dos se disciplinaram na redacção de entradas curtas. A rigidez desta regra teve em conta o facto, comprovado em vários estudos (Bastos, 2000, 53; Canavilhas, 2001, 2; Granado, 2000), de os ciberleitores privilegiarem textos curtos e fazerem varrimento visual das páginas, não se fixando muito tempo na mesma, e de a leitura em frente a um monitor ser mais cansativa e 25 por cento mais lenta.

O limite de 25 palavras foi uma regra que permitiu também um permanente equilíbrio das páginas, quer da principal quer das sectoriais, a que se juntou outra “obrigação”, a da junção de uma pequena imagem, de 200 por 150 *pixels*, a cada *lead*. Esta regra foi de difícil aplicação nas primeiras semanas, dado o curso não dispor de um arquivo de imagens. Para rapidamente suprir esta lacuna, o jornalista-estagiário que saía em reportagem levava sempre consigo uma máquina fotográfica digital, ganhando também experiência como fotojornalista.

Ainda que com pouca frequência, quando se justificava e havia tempo para tal, as peças jornalísticas eram enriquecidas com infografia, quer produzida pelos próprios jornalistas-estagiários quer pelo colega de multimédia que acompanhou em permanência o JPN.

Além de funcionar com local de estágio interno de finalistas do curso, o ciberjornal recebeu contribuições de vários colaboradores, nomeadamente de colegas em estágio externo e de alunos do 3º ano, que publicaram no JPN os trabalhos ciberjornalísticos e as reportagens multimédia que realizaram no âmbito da disciplina de Técnicas de Expressão Jornalística *Online*.

6 Espaço Rádio

O espaço áudio do JPN está subjacente à própria criação do ciberjornal. Desde o início do curso, que a área rádio sentiu a necessidade da existência de uma plataforma que permitisse aos alunos o exercitar das técnicas de produção radiofónica apreendidas. Perante a impossibilidade do uso de uma frequência (por determi-

nação legal e também por incapacidade financeira e humana para suportar os custos de uma opção deste tipo), a hipótese da criação de um ciberjornal surgiu como o meio mais simples, económico e tecnologicamente adequado à dimensão do curso.

No momento de idealização do ciberjornal, ficou desde logo definido que o áudio no JPN não seria apenas um elemento multimédia, mas sim um espaço de rádiojornalismo, presente e veiculado através de um jornal *online*. A tese subjacente a este princípio é a de que rejeitamos ideia de que a Internet seja um concorrente da rádio acabando, a longo prazo, por eliminá-la tal qual a conhecemos hoje. Entendemos que a Internet não é um instrumento ameaçador é antes uma poderosa ferramenta para a própria difusão do meio rádio. Como defende Eduardo Meditsch, a Internet fornece à rádio um novo veículo de divulgação do seu conteúdo: “O rádio meio de transmissão – o das ondas de radiofrequência – deixou de ser referência para definir o rádio meio de comunicação. Este, o do radialista, passou a ser transmitido também por cabo, Internet, satélite”⁸. A morte da rádio tem sido várias vezes anunciada, mas sempre o meio encontrou uma forma de manter a sua identidade. É o que acreditamos que se começa, de novo, a desenhar. A Internet permite uma vez mais a reinvenção da rádio através de um novo meio de difusão, tal como o transístor, na década de 40-50, possibilitou uma nova vida à rádio ao permitir a mobilidade total dos receptores, numa altura em que a televisão surgia como a grande novidade ameaçadora do espaço radiofónico.

Com base neste pressuposto, de que a Internet não é concorrente da rádio, abre antes um novo espaço para a sua difusão, decidimos que a componente rádio no JPN devia manifestar-se de duas formas, para não se reduzir apenas a um espaço multi-

⁸Eduardo Meditsch. “O ensino do radiojornalismo em tempos de Internet”. Banco de Dados do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. 2001. <<http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/meditsch-radiointernet.html>> [consulta: 4 Novembro 2004].

média: através de um noticiário radiofónico⁹, produzido diariamente, e através de reportagens também elaboradas e decididas diariamente, mediante o decorrer da actualidade.

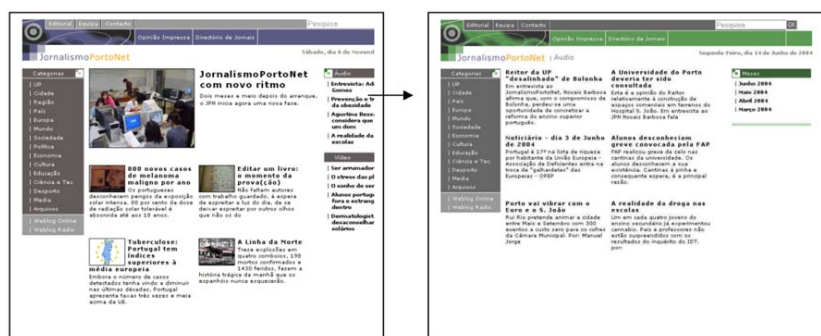
A criação deste espaço áudio no interior do JPN (noticiário e reportagens) foi a forma de no interior do ciberjornal se autonomizar a área rádio, para que os alunos pudessem desenvolver os conceitos teóricos apreendidos no decorrer das aulas e pudessem experimentar técnicas de realização rádio em tempo real, uma vez que era impossível possibilitar a todos os alunos estágios em empresas radiofónicas.

Ao recusarmos que no JPN o áudio se resumisse apenas a uma componente multimédia, era necessário criar as condições para que os alunos sentissem no espaço de uma sala de aula as exigências do meio rádio, apesar do instrumento de difusão ser um ciberjornal. No caso dos noticiários, para nos aproximarmos o máximo possível da rotina de uma estação de rádio, estabelecemos uma hora determinada, no caso 16:00 horas, para que o noticiário radiofónico estivesse disponível no JPN. Estabelecemos ainda que a duração máxima do noticiário era de cinco minutos. A disponibilidade do noticiário era o culminar de um conjunto de rotinas que começava logo de manhã, às 09:00 horas, onde, na primeira reunião de redacção, se estabelecia os temas a abordar no ciberjornal e quais os que teriam tratamento rádio. Uma selecção que poderia ser confirmada ou não, numa segunda reunião, às 12:00 horas. Estabelecido o alinhamento passava-se à fase de produção e gravação do noticiário.

Como já referimos, a segunda componente rádio do JPN eram as reportagens. Elementos noticiosos autonomizados como forma de dar expressão a peças de maior profundidade, que não tinham cabimento no espaço temporal do noticiário radiofónico produzido e que se fossem assimiladas pelo restante noticiário do ciberjornal perdiam todas as características da realidade como só a

⁹Noticiário radiofónico. <<http://mt.icicom.up.pt/mt-search.cgi?Template=JornalismoPortoNet&IncludeBlogs=19&search=noticiario>>

rádio proporciona: palavra, ruído, silêncio, música, ritmo e sensações.



Avaliação e desenvolvimento

No final da primeira fase de instalação do JPN, no que se refere ao espaço áudio, o balanço é bastante positivo, não só pela quantidade de peças radiofónicas produzidas, mas também pela qualidade e pelo nível de resposta alcançado pelos alunos que participaram no projecto. A título de exemplo, os estudantes “jornalistas” dos JPN foram dos primeiros em Portugal a gravar declarações com o novo embaixador de Portugal no Iraque, Luís Barreiros, numa altura em que se iniciava a onda de raptos de estrangeiros¹⁰. Os alunos que participaram no projecto, assimilaram ainda de forma bastante satisfatória as rotinas de produção radiofónica, uma vez que, posteriormente à passagem pelo JPN, alguns alunos tiveram a possibilidade de realizarem estágios em empresas de comunicação radiofónica, tendo praticamente todos recebido apreciações muito positivas por parte dos responsáveis das empresas.

A existência de um espaço áudio no ciberjornal foi também positiva por possibilitar aos alunos a percepção de como o meio

¹⁰Declarações do embaixador português no Iraque, Luís Barreiros ao noticiário do JPN. 16 de Abril de 2004. <http://jpn.icicom.up.pt/audio/2004/04/16/embaixador_portugues_no_iraque_desdramatiza_situacao.html>

se distingue e ao mesmo tempo como se pode interligar com os outros tipos de jornalismo. Os alunos, provavelmente sem se aperceberem, participaram numa experiência alternativa de difusão radiofónica que pode muito bem marcar um dos futuros da rádio.

Terminada esta primeira etapa, e criadas as condições técnicas e humanas ao seu desenvolvimento, o JPN áudio deve evoluir no sentido de se tornar numa rádio on-line, com uma programação própria e tempo de emissão fixo pois, como refere Eduardo Meditsch, a rádio só se completa no confronto com o tempo real: “a radiodifusão distingue-se da imprensa (e do texto *online*, acrescentamos nós), por sua condição *ao vivo*, e é percebida como tal, o que provoca um *efeito de realidade* e, através dele, a empatia do público”¹¹. Em paralelo, o espaço áudio deve continuar a permitir a escuta seleccionada de produtos radiofónicos específicos, como sejam as reportagens e os noticiários, de forma a permitir uma maior possibilidade de escolha ao cibernauta.

7 Espaço Televisão

Quando se idealizou o Portal JornalismoPortoNet o objectivo consistia na inclusão de notícias na área de *online*, rádio e televisão de modo a ter como resultado um produto multimédia. Mas, o propósito de incluir as vertentes rádio e televisão não se esgotava aí. Concretamente, no âmbito da televisão, a realização das reportagens implica um *know-how* específico que procurámos dar aos alunos que escolheram esta especialização.

Pretendia-se que o Portal funcionasse como um estágio para os alunos que não foram colocados em empresas. Nesse sentido, a área de televisão deveria contribuir para fornecer aos alunos que

¹¹Eduardo Meditsch. “A nova era do Rádio: O Discurso do Radiojornalismo Enquanto Produto Intelectual Electrónico”. Banco de Dados do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. 2001. < <http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/meditsch-novaera.html> > [consulta: 4 Novembro 2004].

escolheram tv conhecimentos das rotinas da redacção, saídas em reportagem e edição de peças.

Apesar destes bons propósitos, inicialmente fomos confrontados com todo o tipo de limitações tecnológicas e também de recursos humanos. Algumas destas dificuldades mantiveram-se e foi impossível ultrapassá-las, mas por fim foi-nos garantido pelo sector técnico que se poderia incluir peças de vídeo de cerca de 1'30".

Com base nesta plataforma de trabalho eram cometidos aos alunos da especialização de televisão temas para desenvolver em reportagem no exterior. Os temas eram agendados, os alunos faziam contactos, recolhiam depoimentos e imagens com a ajuda de um repórter de imagem e editavam o trabalho. As reportagens eram previamente visionadas pelo professor da área, o aluno e o técnico antes de serem incluídas no Portal. Ao vídeo era anexado um texto em forma de pivot para o utilizador poder seleccionar as reportagens que queria ver.

Os temas abordados na área de televisão foram variados, mas sempre limitados à área do Porto por dificuldades de transporte. Optámos por marcar reportagens de actualidade, mas também intemporais. Por ser ano do Campeonato Europeu de Futebol em Portugal, trabalharam-se temas como os voluntários do Euro 2004 ou a formação de taxistas para receber os turistas para o grande evento. Outra das grandes apostas da área de televisão do Portal foi a vida académica. Deu-se especial destaque à cobertura da Queima das Fitas, mas também se abordou a investigação dos institutos ligados à Universidade do Porto, como o IBMC. Demos conta, aliás, que quando o Portal noticiava temas universitários o número de "visitas" aumentava.

Resta acrescentar que o Portal serviu também para mostrar os trabalhos de televisão realizados pelos alunos do 2º e 3º anos durante o ano lectivo. Aproveitando a pausa lectiva das férias da Páscoa, incluíram-se no Portal reportagens sobre os 30 anos do 25 de Abril.

Em jeito de balanço, podemos afirmar que os nossos objecti-

vos iniciais foram plenamente atingidos, uma vez que os alunos adquiriram os conhecimentos e as rotinas televisivas, sendo o produto final bastante razoável e digno de figurar em qualquer bloco noticioso de uma televisão. Pena é que o acesso às reportagens de televisão, por razões de *streaming*, nem sempre fosse fácil, e que a dimensão e a qualidade de imagem não fossem ainda as que desejaríamos.

8 Dados estatísticos

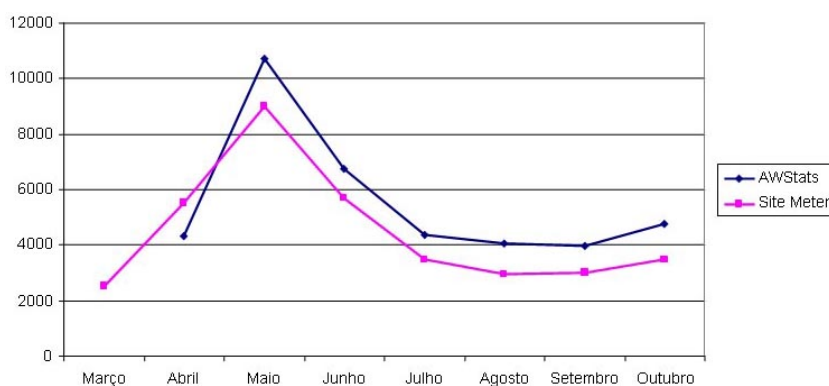
A análise de dados sobre utilização Web não é um processo simples e objectivo. Por um lado, existem mecanismos que interferem no registo dos acessos ao nível do servidor Web. Um dos exemplos são os designados mecanismos de *cache* responsáveis pela produção de valores inferiores à realidade. Por outro lado, não existem dados explícitos no servidor Web para o rastreio de visitas e o rastreio de utilizadores, sendo estes inferidos a partir dos registos de acesso isolados.

Apesar destas dificuldades, procurou-se monitorizar a utilização do JornalismoPortoNet com base em dois mecanismos. Desde o início do projecto foi instalado um serviço (Site Meter¹²) que permite produzir algumas estatísticas base. A partir do segundo mês de funcionamento, foi configurada a produção de estatísticas pelo servidor Web e instalada a ferramenta AWStats¹³ para análise destes dados.

Na imagem seguinte, apresenta-se a evolução verificada no número de visualizações de páginas (*pageviews*) ao longo dos meses.

¹²Site Meter – Counter and Statistics Tracker. <http://www.sitemeter.com/> [2004-11-04]

¹³Advanced Web Statistics 6.0. <http://awstats.sourceforge.net> [2004-11-04]



Estes dados permitiram avaliar o sucesso global do projecto. A diferença verificada no mês de Abril é explicada pelo facto de não se ter começado a utilizar a ferramenta AWStats logo no início do mês. De notar que, a partir do mês de Junho, deixou de ser produzido conteúdo novo e se passaram a destacar peças existentes em arquivo. Foi, no entanto, interessante verificar que o número de visitas únicas estabilizou em valores próximos das 4000 por mês.

Ao longo do projecto, foi feito um acompanhamento do número de visitas por página e dos termos utilizados nas pesquisas. As peças mais vistas foram: “*BI dos novos membros da União Europeia*”, “*Alargamento da UE para 25 Estados-membros*” e “*Mais de 60 portugueses apurados para Atenas 2004*”.

Em relação às secções, as que tiveram um maior número de visitas foram: “*Universidade do Porto*”, “*Cidade do Porto*”, “*País*” e “*Desporto*”. Estes resultados confirmam as expectativas iniciais e vão ao encontro da linha editorial inicialmente estabelecida – dar ênfase aos assuntos relacionados com a universidade e a cidade do Porto.

9 Conclusão e breve avaliação

Os resultados e repercussões do JPN, como instrumento de formação e estágio de futuros jornalistas, quer dos meios electróni-

cos (online, televisão e rádio) quer do meio tradicional imprensa, correspondeu aos objectivos esperados, nesta primeira fase.

Os alunos, a quem foi proporcionada prática intensiva e desempenho num ambiente organizacional e de rotinas análogas às de uma redacção, e cujo trabalho editorial se regeu por regras técnicas e deontológicas, tuteladas por docentes jornalistas e da área tecnológica, exprimiram nos seus relatórios a validade do estágio, o desafio que constituiu, e mesmo o entusiasmo que gerou. Consideraram a experiência uma base sólida de preparação para o ingresso num estágio externo e futura vida profissional. É aliás intenso o “diálogo” estabelecido entre alunos estagiários no exterior, nas redacções de meios de comunicação, e os jornalistas-alunos do JPN, em comentários aos trabalhos editados.

A interactividade do JPN está expressa em 247 comentários ao noticiário editado, colhidos no fim de Junho. Prepondera a opinião e reacção da comunidade estudantil universitária, público-alvo do JPN. Os leitores em geral solicitam informação sobre o curso de Jornalismo e outros da UP, comentam muitas das notícias e reportagens do dia, mas sobretudo dossiers. Por exemplo, a temática dos transgénicos, o 30º aniversário da Revolução do 25 de Abril, o alargamento da União Europeia a 25 países, a Declaração de Bolonha sobre a harmonização do Ensino Superior na Europa, a calamidade dos incêndios no Verão, questões de jornalismo em geral, o desporto, e em particular o Campeonato Europeu de Futebol e os Jogos Olímpicos, e as entrevistas a duas figuras - o jornalista Adelino Gomes e o jornalista, político e professor universitário Marcelo Rebelo de Sousa - no 25 de Abril. As mais comentadas foram as peças sobre a Queima das Fitas, em Maio – naturalmente pelo público-alvo do jornal.

O servidor registou o acesso ao portal de cibernautas de 58 países, além de Portugal: Espanha, França, Holanda, Grã-Bretanha, Alemanha, Suíça, Itália, Bélgica, Dinamarca, Suécia, Polónia, Áustria, Islândia, Irlanda, Eslovénia, Finlândia, Vaticano, Jugoslávia, Bulgária, Hungria, Grécia, Luxemburgo, Eslováquia, Rússia, Israel, Turquia, Qatar, Brasil, Estados Unidos, Canadá, Mé-

xico, Argentina, Venezuela, El Salvador, Bolívia, Chile, Uruguai, Porto Rico, Peru, Costa Rica, Guatemala, Colômbia, Moçambique, Cabo Verde, Angola, África do Sul, Nigéria, Quénia, Senegal, China, Macau, Coreia do Sul, Japão, Indonésia, Índia, Vietname, Nova Zelândia e Austrália. Não se sabe quantos visitantes assíduos isto significará, mas estima-se que sejam sobretudo portugueses.

Pretende-se que o portal desempenhe no âmbito do Curso de Jornalismo um pólo de actividades formativas importantes e encontre uma especificidade editorial do seu noticiário e conteúdos. O desenvolvimento e efeitos do projecto irão sendo, naturalmente, avaliados.

10 Bibliografia

Bastos, Helder. *Jornalismo Electrónico - Internet e Reconfiguração de Práticas nas Redacções*, Coimbra, Minerva Editora, 2000.

BBC News. *The really simple future of the web*. <<http://news.bbc.co.uk/1/hi/magazine/3503509.stm>> [consulta: 04 Novembro 2004]

Canavilhas, João. *Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web*, 2001. <<http://www.bocc.ubi.pt/index2.html>> [consulta: 07 Novembro 2004]

Crato, Nuno. *Comunicação social – A imprensa*, Lisboa, Editorial Presença, 1983.

Gradim, Anabela. *Os géneros e a convergência: O jornalista multimédia do século XXI*, 2002. <http://www.labcom.ubi.pt/ago_ranet/02/gradim-anabela-generos-convergencia.pdf> [consulta: 07 Novembro 2004]

Granado, António. *A preparação de páginas Web*, 2000 <<http://>

www.ciberjornalismo.com/paginasweb.htm> [consulta: 07 Novembro 2004]

Meditsch, Eduardo. *O ensino do radiojornalismo em tempos de Internet*. Banco de Dados do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. <<http://www.jornalismo.ufsc.br/bancomedados/meditsch-radiointernet.html>> [consulta: 04 Novembro 2004].

Meditsch, Eduardo. *A nova era do Rádio: O Discurso do Radiojornalismo Enquanto Produto Intelectual Eletrônico*. Banco de Dados do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. <<http://www.jornalismo.ufsc.br/bancomedados/meditsch-novaera.html>> [consulta: 04 Novembro 2004]

Noci, Javier Díaz, e Aliaga, Ramón Salaverría. *Manual de Redacción Ciberperiodística*, Ariel Comunicación, 2003.

Outing, Steve. *The Thorny Question of Linking*, 2004. <http://www.poynter.org/content/content_view.asp?id=73151> [consulta: 07 Novembro 2004]

Owen Briggs, et al. *Cascading Style Sheets – Separating Content from Presentation*, Glasshaus, 2002.

Zamith, Fernando. *Blog-jornais: As experiências da Universidade do Porto*, 2003. <<http://bocc.ubi.pt/pag/zamith-fernando-blog-jornais.html>> [consulta: 07 Novembro 2004].